



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA:

CONHECER PARA TRANSFORMAR

Luciane Albernaz de Araujo Freitas[i]

André Luis Castro de Freitas [ii]

11 - Educação, sociedade e práticas educativas

Resumo

Compreende-se que a educação ambiental desempenha papel bem mais importante e complexo do que o habitualmente difundido não se limitando ao compromisso com as modificações ambientais, estando comprometida com as questões sociais. Acredita-se que a educação ambiental transformadora encontra-se diretamente vinculada às concepções marxianas, tendo presente que a necessidade de transformações se fazem urgentes, para além de mudanças de caráter cultural e comportamental. Esse trabalho tem como objetivo problematizar o pensamento de Marx e Engels, o qual encharcado pelo método dialético constituiu um modo de pensar e fazer a educação ambiental transformadora. A partir de um estudo descritivo crítico tem-se por objetivo (re) descobrir categorias que venham a demonstrar o alinhamento dos pressupostos desses autores na tentativa de construir a compreensão de um novo modelo civilizatório.

Palavras-chave: Materialismo histórico. Dialética. Educação ambiental transformadora.

Abstract

It is believed that environmental education is a much more important role than the complex and usually not limited to the widespread commitment to environmental changes, being committed to social issues. It is understood that transformative environmental education is directly linked to the Marxian concepts, proposing the need for urgent changes are made, in addition to changes in cultural and behavioral. This paper aims to discuss the thought of Marx and Engels, which characterized by the dialectical method was a way of thinking and doing transformative environmental education. From a critical descriptive study has been designed to (re) discover categories that will demonstrate the alignment of the assumptions of these authors in an attempt to build understanding of a new model of civilization.

Keywords: Historical materialism. Dialectic. Transformative environmental education.

Considerações iniciais

Abordar o referencial teórico-metodológico sob o qual se realiza um determinado estudo se torna

indispensável para a compreensão dos movimentos e imbricações do processo de investigação na construção de uma pesquisa.

Tem-se claro, porém que esse conhecimento prévio, o qual atua no sentido de auxiliar no entendimento e, até mesmo, justificar certos encaminhamentos, estabelece, em contra partida, não só o compromisso, mas o desafio de buscar a coerência com os pressupostos do referencial adotado.

Mesmo no cenário contemporâneo, onde a academia é invadida pelo movimento intelectual pós-moderno, busca-se nos pressupostos construídos por Marx e Engels, o aporte teórico-metodológico desse estudo, que se faz em consonância com os pressupostos da educação ambiental transformadora.

Mesmo na contramão dos pressupostos desta vertente pós-moderna que, tendo no marxismo seu principal foco de contraposição, mostra-se imobilista e conservadora[iii], é que se tenciona caminhar. Acredita-se na necessidade de levar adiante a luta contra a hegemonia burguesa e, para tal julga-se ser o marxismo o caminho mais fértil.

Nesse sentido, a intencionalidade do texto é promover a discussão de questões fundantes do marxismo originário, que por vezes acabam encobertos pelos apelos de concepções pós-modernas as quais sustentam o neoliberalismo de terceira via, dificultando a constituição de uma educação ambiental transformadora.

O texto se constitui nas seguintes temáticas: *o marxismo originário: materialismo e historicismo* – discutem-se as atitudes de conhecer e transformar como pressupostos na construção de um novo modelo civilizatório; *a dialética: a compreensão do método* - elabora-se uma breve revisão de referências as quais serão, posteriormente, tomadas como elementos de discussão. Após apresenta-se o tema: *os pressupostos da educação ambiental transformadora* onde se elabora a reflexão do estudo embasado nos pressupostos marxianos. Por fim, se organizam as considerações sobre os temas abordados.

O marxismo originário: materialismo e historicismo

O materialismo histórico dialético em suas teses centrais faz dele um caminho onde o conhecer e o transformar são assumidos como compromisso por aqueles que, acreditando na força oriunda da consciência do pertencimento a classe dos que vivem do trabalho, buscam a construção de um novo modelo civilizatório. A construção desta abordagem terá como premissa a ortodoxia marxiana.

Busca-se dialogar, sobretudo com os escritos de Marx[iv] e Engels[v], sem descartar a contribuição de autores, que construíram seu pensamento resguardando os pressupostos fundantes do materialismo, isto é numa perspectiva dialética e histórica.

Não se trata de conceber a obra de Marx e Engels como uma construção acabada e hermeticamente fechada, isso seria uma incoerência dentro de uma perspectiva filosófica que tem na historicidade um de seus pilares.

No entanto é preciso atentar para desvios de caráter ontológico e gnosiológicos em relação às premissas formuladas por Marx e Engels, as quais geram interpretações reducionistas, de enfoque mecanicista e economicista.

Marx constrói seu pensamento com base no diálogo com a filosofia alemã, – de modo especial com Hegel -, e a economia política inglesa – sobretudo com Adam Smith e David Ricardo -, ao estabelecer as limitações de cada corrente de pensamento avança na elaboração de seu método.

Marx e Engels dedicam-se na construção de uma crítica da filosofia pós-hegeliana, onde intentavam explicitar que suas formulações tratavam de um avanço em relação às formulações idealistas de Hegel e, também, às formulações materialistas de Feuerbach.

Com o propósito de ultrapassar os limites das concepções hegeliana e feuerbachiana Marx e Engels se

debruçam sob o problema fundamental da filosofia: a determinação do real e a determinação da existência social do homem. Em *A Ideologia Alemã* [vi] os dois filósofos ampliam e aprofundam as críticas feitas, em escritos anteriores, aos hegelianos de esquerda [vii], acusando-os de limitarem-se ao confronto com o sistema hegeliano no reino do pensamento abstrato, sem levar em conta a difícil situação real alemã.

Uma vez que nesses jovens hegelianos as noções, pensamentos, conceitos e de maneira geral os produtos da consciência por eles mesmos autonomizada são tidos como os autênticos grilhões dos homens – exatamente como entre os hegelianos antigos eles são esclarecidos como sendo os verdadeiros elos da sociedade humana, assim também se compreende que os jovens hegelianos só têm a lutar exclusivamente contra essas ilusões da consciência. [...] Os jovens ideólogos são, apesar de suas frases feitas pretensamente “abaladoras do mundo”, os maiores conservadores. [...] A nenhum desses filósofos ocorreu à ideia de perguntar acerca da relação existente entre a filosofia alemã e a realidade alemã, da relação da crítica que fazem com seu próprio ambiente natural (MARX; ENGELS, 2007, p. 40-41).

A oposição a primazia do pensamento da concepção idealista hegeliana faz Marx e Engels explicitarem seus pressupostos, os quais não são formulações vazias de um pensamento que parte do nada e ao nada retorna. São pressupostos reais originados da realidade concreta e não uma produção das ideias. Nesta perspectiva, apontam como primeiro pressuposto da história humana “[...] a existência de indivíduos humanos vivos” (MARX; ENGELS, 2007, p. 41).

Assim, o primeiro elemento a ser considerado na historiografia humana é “[...] a organização corporal desses indivíduos e sua relação com o restante da natureza, resultante desta mesma organização” (MARX; ENGELS, 2007, p. 42). Tem-se a partir desta lógica a satisfação das necessidades básicas como preocupação primeira do ser humano, as quais têm de ser renovadas a cada dia, pois para fazer história é preciso estar vivo e para tal “[...] fazem falta antes de tudo comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais” (MARX; ENGELS, 2007, p. 50), remetendo à necessidade primeira a produção da vida material.

Entretanto esse modo de produção da vida material não se limita a reprodução das necessidades físicas dos indivíduos, mas acaba por determinar uma forma de vida em todas as suas dimensões. “O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (MARX; ENGELS, 2007, p. 42).

Esta tese é ratificada por Marx e Engels (2007, p. 43-47) ao abordarem o desenvolvimento da propriedade em suas diferentes formas: tribal, estatal ou comunitária e feudal ou estamental. Ao relacionar cada uma destas formas com um estágio de desenvolvimento da divisão do trabalho, explicitam que a forma de produção de cada sociedade estabelece as relações sociais e políticas destas. A este respeito Marx e Engels (2007) afirmam:

[...] determinados indivíduos, que são ativos na produção de determinada maneira, contraem entre si essas determinadas relações sociais e políticas. [...] A estrutura social e o Estado brotam constantemente do processo de vida de determinados indivíduos; mas esses indivíduos tomados não conforme possam se apresentar ante a imaginação própria ou alheia, mas sim como realmente são, quer dizer, como atuam, como produzem materialmente e, portanto, tal como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, premissas e condições materiais, independentes de seu arbítrio (MARX; ENGELS, 2007, p. 47-48).

A produção da vida material, no entanto encontra-se condicionada as determinações da natureza e

aquelas que devem ser produzidas que, por sua vez atrelam-se as condições materiais determinadas pela forma de produção. Pode-se então afirmar que a forma de produção acaba por estabelecer as relações entre os homens no processo, bem como as demais relações humanas. Neste sentido, a proposta marxiana defende que o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina sua consciência.

Esta contraposição ao idealismo em defesa do materialismo inverte a concepção hegeliana, deslocando a propositura ontológica do campo das ideias para o terreno do real, como expressa Marx e Engels (2007):

Bem ao contrário do que acontece com a filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui se sobe da terra para o céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam, ou engendram mentalmente, tampouco do homem dito, pensado, imaginado ou engendrado mentalmente para daí chegar ao homem em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e de seu processo de vida real para daí chegar ao desenvolvimento dos reflexos ideológicos e aos ecos desse processo de vida (MARX; ENGELS, 2007, p. 48-49).

A materialidade das relações sociais como foco de análise, premissa do método marxiano, tem na dinamicidade sua contraposição as concepções materialistas precedentes, onde se inclui Feuerbach, no que diz respeito à forma determinista que concebe a realidade, a qual:

[...] apenas é compreendida sob a forma do objeto (*Objekt*) ou da contemplação (*Anschauung*); mas não na condição de atividade humana sensível, de práxis, não subjetivamente. [...] Por isso ele não entende o significado da atividade "revolucionária", "prático-crítica" (MARX; ENGELS, 2007, p. 29).

As contraposições de Marx e Engels em relação à concepção de Feuerbach não invalidam a contribuição deste filósofo para a formulação do materialismo histórico dialético. Como expressa Engels, Feuerbach é considerado "[...] um elo intermediário entre a filosofia hegeliana e a nossa concepção" (ENGELS, 1985, p. 170). Entretanto, torna-se importante destacar que diferentemente da concepção feuerbachiana, a antecipação da realidade ao homem não faz do materialismo uma concepção conformista, onde se tem na adaptação a única opção, muito pelo contrário esse método aposta na práxis e na subjetividade ativa como determinantes para a compreensão e transformação da realidade. Tem-se assim a premissa onde o real precede o ser social, e o ser social transforma este real.

Nesta perspectiva, é possível afirmar que na concepção de Marx e Engels a transformação da realidade acontece a partir da prática sócio-histórica – embasada teoricamente – não podendo ser rotulado como mecanicismo e/ou determinismo econômico tendo em vista que o movimento é compreendido como um primado ontológico do materialismo marxiano.

Ao elevar a dinamicidade à premissa determinante de sua concepção materialista, percebendo-a como inerente ao ser e ao pensar Marx e Engels atribuíram ao conhecimento uma dimensão processual, concebendo a verdade a partir de um valor relativo e, conseqüentemente assumindo a ação transformadora como parte de sua ética-política. Esta forma ontológica, gnosiológica e axiológica do materialismo originário é denominada de dialética.

A dialética – a compreensão do método

Como forma de recorte, considera-se a dialética[viii], a partir da Grécia antiga, quando a arte da discussão, do diálogo como exercício da lógica, na tentativa de buscar o conhecimento pelo uso da razão ganha sua conotação a partir de Sócrates. A proposta socrática prevê a sistematização da dúvida, quando por análises e sínteses, o filósofo exerce provocações sobre as questões, no intuito de fazer surgir à

verdade, promovendo a autoria ao aprendiz.

Para Platão a dialética se estende a reflexão coletiva, onde o conhecimento deve nascer desse encontro, considerando dois momentos: “[...] o primeiro consistiria em reunir sob uma única ideia as coisas dispersas, tornando-as claras e comunicáveis; o segundo momento consistiria em dividir novamente a ideia em suas partes” (GADOTTI, 2012, p. 14). Já em Aristóteles a dialética assume outra forma, onde o importante é a disputa, o exercício da opinião, não o conhecimento.

Plotino, três séculos depois de Cristo, considera a dialética não apenas como método, mas como parte da filosofia. Essa concepção não ganha repercussão e a ideia de método prevalece ao longo da Idade Média juntamente com a retórica e a gramática.

A dialética retorna ao centro das reflexões e debates a partir do movimento renascentista, no século XVI, momento de insurgimento das artes e das ciências aos hábitos medievais.

Considerando o movimento iluminista, a partir da Revolução Francesa, os filósofos passam a perceber a dinâmica das transformações sociais, refletindo a partir de sua concretude. Rousseau teve um papel expressivo a favor da dialética no século XVIII. O filósofo ao defender que o indivíduo se desenvolve plenamente em uma organização democrática, permite afirmar que, em sua concepção o homem é condicionado pela sociedade.

Na percepção de Kant a consciência está para além do registro de impressões externas, pois se trata da consciência de um ser que de forma ativa interfere na realidade. Essa percepção conduz o pensador a colocar a questão do conhecimento no centro de suas reflexões, sobretudo o que ele denominou de razão pura, a qual antecede a experiência, na busca da compreensão da sua natureza e limite.

Percebe-se nos dialéticos antigos até Kant, a conotação de: “[...] o que os une é o princípio segundo o qual dois contraditórios não podem se encontrar simultaneamente na mesma coisa” (SANFELICE, 2008, p. 70).

A nova dialética tem em Hegel e em Marx suas maiores expressões. Reflete-se que Marx buscou na concepção dialética de Hegel inspiração para suas formulações, explicitando, apesar das divergências e antagonismos entre eles decorrente do princípio idealista de Hegel e o princípio materialista de Marx, a contribuição hegeliana para as formulações da proposta marxiana. Marx admite que “[...] a dialética de Hegel é a forma básica de toda a dialética” (MARX, 1974, p. 214). No entanto o reconhecimento do mérito de Hegel está longe de significar a concordância de Marx com a concepção dialética hegeliana.

Dos estudos de Hegel resulta a compreensão do trabalho como categoria central do desenvolvimento humano, tendo em vista que é a partir dele que o sujeito entra em relação com o objeto, transformando-o em função de suas necessidades.

O trabalho adquire status de conceito-chave na concepção hegeliana da superação dialética, a qual engloba três movimentos: “[...] a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior” (KONDER, 1987, p. 26).

Apesar de Hegel ter elaborado sua concepção de dialética tendo com ponto de partida o movimento o faz a partir de seus pressupostos idealistas, levando ao aprisionamento da existência a consciência oriunda da pura abstração.

Se a percepção dos contrários em sua unidade aproxima Marx e Hegel, os pressupostos do pensamento idealista de um lado e os pressupostos do materialismo de outro criam distanciamentos entre esses pensadores.

Conforme explicitado por Marx (2012) o método dialético é oposto ao método hegeliano. O referido autor afirma que, para Hegel, o processo do pensamento transformador de um sujeito sob o nome de ideia é o

criador do real, sendo esse a real manifestação externa. Na proposta de Marx o ideal não é mais do que o material transposto para o sujeito e por ele interpretado. "Em Hegel a dialética está de cabeça para baixo. É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro do indivíduo místico (MARX, 2012, p. 28-29).

Marx determina a passagem do culto ao homem abstrato, definido por Hegel, a problematização desse homem pela ciência do real e de seu desenvolvimento histórico, realizando a inversão da dialética.

Coloca o objeto como primeiro, assegurando a primazia dos conteúdos materiais e históricos, bem como as formas finitas da consciência, sobre as formas infinitas dessa mesma consciência. "Os filósofos apenas interpretaram o mundo diferentemente, importa é transformá-lo" (MARX; ENGELS, 2007, p. 29). Evidencia-se, dessa forma, a intencionalidade da proposta para além da formulação de pensamentos idealizados, mas vinculando o conhecimento a um objetivo concreto.

No estudo do método de análise da economia política, Marx propõe que esse método inicie-se sempre pelo real e pelo concreto, induzindo a que esta seja a forma correta. No estudo de um país, parece ser correto iniciar-se pela população que se constitui na base e no sujeito social da produção. Porém, segue uma observação atenta, onde compreende que a população é uma abstração se forem desprezadas as classes que a compõem. Dessa forma essas classes representam uma palavra vazia de sentido se forem ignorados os elementos em que repousam, como por exemplo: o trabalho assalariado e o capital. Esses elementos constituem a troca, a divisão do trabalho, os preços, etc. Dessa forma, o capital desconsiderando o trabalho assalariado, sem valoração, sem o dinheiro e sem o preço não representa nada.

Seguindo a argumentação, Marx afirma caso começássemos pela população, se formaria uma representação caótica do todo e por meio de uma determinação mais precisa como uma análise seria possível chegar a conceitos cada vez mais simples.

Considerando o concreto idealizado se passaria a abstrações cada vez mais tênues até que fossem atingidas determinações mais simples. "Chegados a este ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas" (MARX, 1978, p. 116).

A formulação proposta constitui o método dialético de Marx, quando a análise passa a viabilizar uma visão de que o universo vai se revelando tal qual como é. O pensamento se movimenta por dentro das diferentes partes apreendendo suas interconexões.

Coerentemente, com suas formulações ontológicas Marx conduziu seus estudos em estreita relação com o movimento histórico real. É a realidade concreta – possibilidade da crise econômica - e datada - 1857 - que impulsionou o pensador a retomar sua análise econômica e política. Estando sua intenção para além da organização de um programa revolucionário a ser seguido com vistas a responder as necessidades políticas postas pela crise Marx dedicou-se a um trabalho teórico-analítico da dinâmica social marcada por processos contraditórios evidenciados pelo afloramento da crise, construindo teorizações que resultaram em uma crítica à economia política.

Dessa forma, as construções metodológicas de Marx não compõem um corpo fechado e apresentam-se articuladas as teorizações a que se dedicou. Compreende a teoria e o método de maneira relacional, encontrando-se imbricados, constituindo um corpo único.

Os pressupostos da educação ambiental transformadora

Os pressupostos da educação ambiental transformadora se encontram, diretamente, vinculados as concepções marxianas, estabelecendo presente que a necessidade de transformações em nível mundial se fazem de forma urgente, para além de mudanças de caráter cultural e comportamental, devendo acontecer na superação do atual modelo civilizatório.

Layrargues (2006) explicita esta proposição ao referir-se a importância da dialética entre mudança social e mudança cultural no intuito de construir uma sociedade ecologicamente criteriosa e responsável e, ainda, socialmente justa.

Nesta perspectiva, o autor enfatiza que a mudança só se faz possível quando se leva em consideração a sociedade da qual se é parte, pois os valores são “[...] definidos a partir de condições históricas específicas, inseridas num mundo dialético de mútua constituição entre objetividade e subjetividade” (LAYRARGUES, 2006, p. 13).

Desta forma, a educação ambiental transformadora ao ter como foco primeiro a problemática concreta e de extrema gravidade que é o aniquilamento do planeta e conseqüentemente a ameaça da manutenção da vida na Terra, torna-se dimensão relevante, colocando em evidência a premência na busca de caminhos que permitam solucionar a problemática que se apresenta como espada sobre a cabeça da humanidade.

Neste ponto, a educação ambiental transformadora é compreendida como um sopro de vida ou seria mais adequado dizer o sopro da vida, isto é, aquele sopro que faz reacender a chama da luta pela superação da hegemonia burguesa, trazendo para a pauta de discussão questões fundantes do marxismo originário, de certa maneira encobertos pelos apelos de concepções ditas pós-modernas as quais sustentam o neoliberalismo de terceira via.

A educação ambiental transformadora compreende a vinculação das bases ecológicas com a esfera material, vinculadas ao modo de produção capitalista e as relações sociais em sua concretude, tendo consciência da necessidade de vincular-se ao método dialético em sua lógica de ação é reflexão.

Nesta perspectiva, Layrargues no prefácio do livro de Carlos Loureiro[ix] expressa que o autor “[...] enfatiza que a tradição científica do método dialético marxista é a melhor forma de pensar e transformar o mundo” (LAYRARGUES, 2006, p. 13).

Nos próximos parágrafos argumenta a este respeito ao referir-se novamente ao autor do livro em relação ao destaque que este estabelece em sua obra para a necessidade de refletir sobre o problema ambiental de forma articulada com as a totalidade das dimensões da sociedade, pois a não articulação tem como resultado uma visão dualista de mundo onde “[...] a luta pela proteção da natureza sobressai como algo hierarquicamente prioritário sobre a luta por justiça e igualdade social, em vez de serem percebidas como intrinsecamente vinculadas” (LAYRARGUES, 2006, p. 14).

Compreender a educação ambiental transformadora em sua amplitude e complexidade permite fazer de seus pressupostos balizadores para construção de uma educação e, sobretudo de uma prática pedagógica que esteja em sintonia com os anseios de contribuir com o processo contra hegemônico. Para tanto deve-se ter presente que a:

Educação Ambiental crítica, transformadora, socioambiental e popular refere-se, enquanto práxis social e processo de reflexão sobre a vida e a natureza, contribuindo com a transformação do modo como nos inserimos e existimos no mundo, a uma única categoria teórico-prática estruturante: educação (LOUREIRO, 2006, p. 35).

A educação ambiental transformadora parte de uma situação concreta: o esgotamento das condições materiais do planeta e suas decorrências, tendo como base ontológica e gnosiológica o materialismo histórico dialético, impulsionam o entendimento da “[...] educação não como o único meio para a transformação, mas como um dos meios sem o qual não há mudança” (LOUREIRO, 2006, p. 58).

Dentro desta perspectiva transformadora e também emancipatória a educação ambiental abarca, na visão de Lima (2006), as seguintes características:

- a) uma compreensão complexa e multidimensional da questão ambiental;
- b) uma defesa do amplo desenvolvimento das liberdades e possibilidades humanas e não humanas;
- c) uma atitude crítica diante dos desafios da crise civilizatória;
- d) uma politização e publicização da problemática socioambiental;
- e) uma associação dos argumentos técnico-científicos à orientação ética do conhecimento, de seus meios e fins, e não sua negação;
- f) um entendimento da democracia como pré-requisito fundamental para a construção de uma sustentabilidade plural;
- g) uma convicção que o exercício da participação social e a defesa da cidadania são práticas indispensáveis à democracia e à emancipação socioambiental;
- h) um cuidado em estimular o diálogo e a complementaridade entre as ciências e as múltiplas dimensões da realidade entre si, atentando-se para não tratar separadamente as ciências sociais e naturais, os processos de produção e consumo, os instrumentos técnicos dos princípios ético-políticos, a percepção dos efeitos e das causas dos problemas ambientais e os interesses privados (individuais) dos interesses públicos (coletivos), entre outros possíveis;
- i) uma vocação transformadora dos valores e práticas contrários ao bem-estar público” (LIMA, 2006, p. 128-129).

A vinculação dos pressupostos da educação ambiental transformadora, sobretudo nas reflexões de Carlos Loureiro e Philippe Layrargues, ao materialismo dialético, nas proposições de Marx e Engels, compõem a base de discussão desse trabalho.

Ressalta-se a preocupação, nesse estudo, de realizar a interlocução com autores que comunguem das premissas do marxismo originário.

Considerações finais

As ideias aqui apresentadas têm por finalidade provocar a articulação do pensamento na busca de definir variações para os encaminhamentos adotados nos espaços educacionais, com o intuito de propor movimentos de reflexão e ação com vistas à tomada de consciência.

Acredita-se oportuno elencar alguns pressupostos oriundos desse estudo, que tenham por objetivo promover a educação ambiental transformadora, tomando por base os pressupostos marxianos. Problematiza-se:

- (a) Se o processo histórico se faz pelo movimento e pela dinamicidade tem-se clareza que contribuições e avanços fazem do marxismo uma concepção filosófica ainda mais potente;
- (b) A organização corporal dos indivíduos e sua relação com o restante da natureza é resultante dessa mesma organização;
- (c) A importância da dialética como promotora da mudança social e cultural no intuito de construir uma sociedade ecologicamente criteriosa, responsável e socialmente justa;
- (d) A educação ambiental transformadora ao ter como foco primeiro a problemática concreta e de extrema gravidade, que é o aniquilamento do planeta;

(e) A educação ambiental transformadora em sua amplitude e complexidade permite fazer de seus pressupostos balizadores para construção de uma educação e, sobretudo de uma prática pedagógica que esteja em sintonia com os anseios de contribuir com o processo contra hegemônico e, ainda,

(f) A perspectiva transformadora como perspectiva, também, emancipatória.

Não se possui como objetivo encerrar a discussão a partir desse trabalho, mas oportunizar que se abram novos indícios na promoção da investigação de conceitos e pressupostos que se compõem de forma imbricada no que concerne à constituição de uma educação ambiental transformadora.

Referências

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Orgs.) **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 09-23.

ENGES, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Rio de Janeiro: Global, 1985.

BACKES, M. Notas a tradução. In: MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuebach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

HOBSBAWM, E. Introdução. In: MARX, K. **Formações econômicas pré-capitalistas**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LAYRARGUES, P. P. Educação ambiental como compromisso social: o desafio da superação das desigualdades. In: LOUREIRO, C. F.B; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. de S. (Orgs.). **Repensando a educação ambiental**: um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2006. p. 11-32.

LIMA, G. F. da C. Crise ambiental, educação e cidadania. In: LOUREIRO, C. F. B; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. de S. (Orgs.). **Educação ambiental**: repensando o espaço cidadania. São Paulo: Cortez, 2006. p. 109-141.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. 2. ed. São Paulo Cortez, 2006.

MARX, K. **O 18 Brumário e cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1. v. 1. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuebach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SANFELICE, J. L. Dialética e Pesquisa em Educação. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Orgs.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. 2. ed. Campinas: Autêntica, 2008. p.

[i] Mestre em Desenvolvimento Social, professora do IF Sul-Rio-Grandense (IF Sul), lucianealbernaz@pelotas.ifsul.edu.br. Doutorado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

[ii] Doutor em Ciência da Computação, professor associado do Centro de Ciências Computacionais, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), dmtalcf@furg.br. Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

[iii] As considerações referentes à pós-modernidade são realizadas a partir do estudo de seus pressupostos, bem como embasada em estudiosos como: Ellen Wood e Perry Anderson. A pós-modernidade é um movimento que abarca uma diversidade de correntes, as quais apresentam pressupostos distintos e até antagônicos em relação umas as outras. Ressalta-se que as afirmações expressas nesta abordagem referem-se à postura majoritária da pós-modernidade, pois "A ideia do pós-moderno, como foi assumida nesta conjuntura era, de uma forma ou de outra, apanágio da direita" (ANDERSON, 2000, p. 20).

[iv] A Marx é atribuída à responsabilidade pela origem e consolidação da "filosofia da transformação", o que tornou esta concepção de mundo conhecida pela expressão marxismo.

[v] Destaca-se o importante papel de Engels, junto a Marx, na construção do materialismo histórico dialético. Faz-se oportuno citar: "Quando dois homens colaboram tão intimamente como o fizeram Marx e Engels, durante mais de quarenta anos, sem qualquer desacordo teórico de importância, é de presumir que cada um deles tinha pleno conhecimento do que estava na mente do companheiro" (HOBBSAWM, 2011, p. 53).

[vi] Esta obra escrita entre os anos de 1845 e 1846 e publicada somente em 1932, pode ser considerada o ponto de partida da exposição do percurso metodológico de Marx, pois nela Marx e Engels explicitam pela primeira vez as bases sob as quais formulam seu método em oposição ao idealismo hegeliano. "A ideologia alemã marca, portanto, o nascimento do materialismo histórico" (BACKES, 2007, p. 11).

[vii] Conhecidos também como "jovens hegelianos" ou "neo-hegelianos", eram um grupo de jovens professores e estudantes que defendiam mudanças na sociedade da Prússia, opondo-se as tendências conservadoras dos "hegelianos de direita" (BACKES, 2007, p. 09).

[viii] Em Gadotti (2012) é possível compreender que a dialética é anterior a Sócrates. O autor faz referência a Lao Tse, no livro do Tao, pela lógica da natureza e dos homens, e a Heráclito de Éfeso, onde prevalece a luta pelos opostos. "Como vemos, a questão que deu origem à dialética é a explicação do movimento, da transformação das coisas" (GADOTTI, 2012, p. 10).

[ix] O livro ao qual se está fazendo referência tem como título *Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental*.